



NA ESCOLA, FORA DELA. ESTUDANDO N(AS) RUAS DE UMA “PERIFERIA” AMAZÔNICA.

Alan Augusto Moraes Ribeiro.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS).
Universidade Federal do Pará (UFPA).
alanaugustoribeiro@yahoo.com.br

Introdução: escolas de “periferia”, em uma cidade Amazônica:

Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado que realizei, entre Março de 2009 e Dezembro de 2010, entre estudantes do ensino médio¹ da Escola Estadual de Ensino Médio “Gov. Alexandre Zacharias de Assumpção”, o “Zaca”² e na Escola de Ensino Infantil, Fundamental e Médio “Madre Zarife Sales”, particular, confessional católica, o “Madre”, ambas do bairro do Guamá, o maior bairro de Belém do Pará, com mais de 100 mil habitantes. As duas escolas são definidas pelos moradores do Guamá como “as melhores escolas” do bairro, a primeira para quem não pode e a segunda para quem pode pagar mensalidades, mesmo que parciais, para o turno vespertino.

Embora ainda se use o termo “*bairro de baixada*”, sobretudo por pessoas mais velhas, para designar os bairros *não-centrais* da capital do Estado do Pará, a expressão “*periferia*” é usada recorrentemente por estudantes e alguns moradores do bairro. Assim, “Zaca” e “Madre” estão localizadas, portanto, no bairro do Guamá, periferia de Belém, respectivamente na Rua Barão de Mamoré e na Av. Barão de Igarapé Mirim. Estas duas vias públicas, ao lado da Av. José Bonifácio, Av. Castelo Branco, Rua Silva Castro e Pass. São Pedro e São Paulo são as vias que delineiam, no Guamá, o que alguns estudantes definem como a “*parte boa pra morar*”, um tipo de categorização que serve como critério para estabelecer ou não interações sociais entre estudantes. Da entrevista realizada com um estudante do “Madre”, destaco o seguinte trecho:

“Pergunta (P): Você mora onde?

Resposta (R): Na Rua João de Deus, vai com Deus! (risos).

P: Como é morar na sua rua?

R: É bacana lá, tem as coisas lá, mas pra cá pra essa parte, aqui da Barão e da José Bonifácio, é mais bacana pra cá pra essa parte, daqui da escola.

P: Por que é mais bacana pra cá?

¹Todos os estudantes que participaram da pesquisa tinham idade entre 15 e 19 anos.

²“Zaca” e “Madre” são termos usadas por estudantes, professores, familiares de estudantes e moradores do Guamá para identificar nominalmente ambas as instituições.



R: Ah, è... Tem uma parte que é melhor aqui... Porque eu moro na João de Deus que é quando tu desce que tu tem uma parte que é meio baixada, que é ai pra dentro do Guamá que é o riacho [Doce] e umas ruas pra lá pro fim da feira, passando a Ezeriel. Mas se tu sobe pra vir pra escola e ai dá pra vê que tem essa parte que é mais da parte boa daqui do bairro que é movimentada que é a José Bonifácio, a Silva Castro, aqui a Barão... [de Igarapé Mirim], essa rua aí... A Castelo também é um pouco assim mais dessa parte...

P: Onde você mora não é uma parte boa?

R: É, mas aqui é melhor... Porque tu é bem visto né, pra essa parte né?

P: Como assim, bem visto como?"

R: È... Assim... A pessoa tem um status porque é boa a rua, asfaltada e as casas são bonitas entendeu, não tem muito ladrão (risos) ³.

A correlação direta entre “*parte boa de morar*”, ser “*bem visto*” e ter um “*status*”, sugere existir no depoimento deste estudante uma hierarquização simbólica interna dentro do bairro do Guamá, expondo percepções heterogêneas sobre o seu espaço, midiaticamente apresentado sob o viés da violência⁴. A “*parte movimentada*” descrita pelo estudante consiste em um perímetro com intensa movimentação financeira e comercial que também abriga três condomínios fechados inaugurados em 2008 e 2009⁵. Neste contorno estão localizadas as duas escolas pesquisadas.

Assim, neste artigo pretendo descrever rotas e fluxos realizados por estudantes do “*Zaca*” e do “*Madre*” em vias públicas do bairro no ir e vir entre casa e escola, em residências, espaços públicos e pontos comerciais. Essas rotas e fluxos denotam, por um lado, a importância da escola como espaço de formação educativa e de canal de mobilidade social para estes estudantes na medida em que organizam certas tarefas educativas no momento em que realizam tais rotas e fluxos, bem como articulam, por outro lado, a possibilidade de tergiversar a ausência de espaços físicos para a realização

³João de Deus e Ezeriel são ruas próximas à invasão Riacho Doce, situada ao lado do Campus da UFPA.

⁴Refiro-me aos principais jornais do Estado. Ver: SANTOS, Cláudio. “Escolas encampam o combate à violência contra crianças e adolescentes”. Guamá: quatro escolas fazem programação especial para alertar alunos sobre o problema. **O Liberal**, Pará, 17 de Maio. 2010. Caderno Atualidades, p 13. /BARROS, Edvaldo. Pesquisa mostra violência no entorno de escolas no Guamá. **Diário do Pará**, Belém, 22 de Fev. 2011. Cadernos Comunidade, p. 16. /AMARO, Simone. “Violência cresce 21,03% em Belém: Guamá está na ponta”. **Diário do Pará**, Belém, 21 de Jan. 2009. Caderno Comunidade, p 19.

⁵Neste perímetro, localiza-se o 20º batalhão da Polícia Militar, duas lojas de diferentes empresas locais de farmácias conveniadas (em ambas as empresas há pagamentos de contas de água, luz e telefone dentre outros serviços que recebem dinheiro vivo, bem como um setor de venda de produtos alimentícios e eletrônicos) uma Ótica, três lojas de departamentos (em duas delas existem caixas eletrônicos), uma concessionária de motos, uma loja de sapatos e artigos esportivos, um açougue (no qual também existe um caixa eletrônico) bem como uma loja de roupas.



de atividades escolares e de lazer fora da própria residência ou das próprias escolas⁶, ajudando também a driblar a violência urbana presente nas vias públicas do Guamá.

Ao mesmo tempo, estas rotas e fluxos revelam maneiras de hierarquizar as relações entre os estudantes a partir do “*morar bem*”, isto é, do *local de moradia*. O local de moradia, entre eles, é uma variável importante a partir da qual constroem maneiras de avaliar uns aos outros. Casas, ruas, escolas e outros lugares se tornam, portanto, espaços estratégicos para se andar pelo bairro. O “*Zaca*” e o “*Madre*” são pontos de partida – e de chegada.

1. “Errando para Acertar”: caminhando por casas, ruas e escolas.

A noção de Errâncias Urbanas é uma categoria que designa uma prática social referente a “um simples ato de andar pela cidade”, apresentada como uma crítica social a um urbanismo concebido como disciplina de intervenção e controle da movimentação das pessoas pelo espaço urbano (JACQUES, 2005). Os *Errantes* são sujeitos que realizam um tipo de “nomadismo” no espaço urbano. São assim denominados em referência aos três momentos históricos desta prática, simultâneas a própria história da formação do Urbanismo como um campo disciplinar⁷.

Em termos de experiência social, os Errantes simbolizam o resgate da tradição histórica de viver a cidade por meio de estratégias de re-apropriação do espaço ocupado pela privatização, pela gentrificação (JACQUES, 2005, p. 17; MENDES, 2007, p. 22)⁸. Ao escrever sobre Errâncias Urbanas, Paola Jacques se refere, no âmbito dos estudos urbanistas, a um movimento de re-apropriação do espaço urbano pelas camadas populares, dos lugares públicos tomados pelo fenômeno de espetacularização turística. Em oposição a essa espetacularização, os Errantes seriam grupos de pessoas que de

⁶Vale explicar que as bibliotecas das escolas funcionam entre 10h00min e 15h00min, embora no “*Madre*” este horário se estenda até as 19h00min, mas com serviço interno. No “*Zaca*”, a biblioteca funciona apenas em dois dias da semana, e, após o término do horário letivo, não é permitida a permanência dos estudantes no interior das salas de aulas em ambas as escolas.

⁷*Flanâncias*, *deambulação* e *derivais* seriam as etapas históricas de Errâncias, concebidas e realizadas como movimentos artístico-críticos ao controle urbanístico (JACQUES, 2007, p. 21-22).

⁸A Gentrificação consiste em “um processo de filtragem social” que desencadeia um movimento de recomposição e de substituição operadas no mercado habitacional que retira de bairros antigos e populares seus tradicionais moradores. Estes bairros se transformam em bairros de classes médias e altas (obviamente, os antigos moradores não se transformam em classe média), reforçando segregações sócio-espaciais e uma divisão social do espaço urbano. (MENDES, 2007, p. 23). No Guamá, se é possível falar de Gentrificação, ela se concentra na micro-região da “*parte boa de morar*”, ou seja, o perímetro dos novos conjuntos habitacionais e dos pontos comerciais – bem próximos ao batalhão de Polícia Militar.



modo voluntário ou espontâneo se reapropriariam de lugares e espaços públicos gentrificados ou mesmo até privados por meio de estratégias próprias, andando pela cidade e retomando pontos espetacularizados e “patrimonializados”.

Errâncias consistem em um simples ato de andar, sem planejamento prévio, sendo definidas como “investigações” de um “urbanismo poético”. Consistem em experiências físicas que recuperam a humanidade das cidades (JACQUES, 2005, p. 24). Expressam uma utopia de poder andar instintivamente pelos bairros, pelas grandes cidades, suplantando a violência e espaços privatizados pela “musealização” e pela “patrimonialização desenfreada” (JACQUES, 2005, p. 17). Mesmo que transitoriamente ou sem a “consciência” de estar efetivando atos politicamente críticos a “patrimonialização-musealização”, Errâncias pode servir como um designativo para o ato de retomar espaços gentrificados privados ou públicos. No Guamá, este significado pode ser encontrado na ação dos estudantes do “Zaca” e do “Madre” no ir e vir de suas escolas, “*estudando*” nestes espaços e vivendo n/a rua como um espaço oposto ao privado, tornando-a suporte da sociabilidade urbana (MAGNANI, 2009, p 03).

----- * -----

José Cantor Magnani (1992, 2002, 2003), em outra perspectiva analítica elaborou duas categorias em suas pesquisas em São Paulo, a saber, *Trajeto* e *Pedaço*⁹ – esta segunda é aqui tomada apenas como ponto de partida para pensar noções êmicas similares entre os estudantes no Guamá, isto é, “*meu setor*” e “*lá na rua*”. Estas duas categorizações são referencialidades identificatórias sócio-espaciais que exprimem modos grupais de apropriação positivada do espaço de moradia entre os estudantes.

Assim, *Trajeto* é pensado, a partir do que o autor estipula, como uma categoria que exprime escolhas lógicas, embora minimamente aleatórias em suas possibilidades de combinação, que abre os espaços fechados dos bairros periféricos para a esfera pública ampla da cidade por meio dos caminhos que os sujeitos fazem por ela. Os *Trajetos* não devem ser pensados de modo reificado, restritivo ou comunitarizante

⁹Para José Cantor Magnani (2003) “O termo [*Pedaço*] na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (p. 116). Ser do *pedaço*, de acordo com ao autor, é ser parte de uma rede de sociabilidade agregadora de vínculos sociais duráveis. Ser do *pedaço* é ser incluído, é fazer parte de um grupo relacional, cujo abrangência extrapola os alcances meramente espaciais.



(MAGNANI, 2002, p. 18; 1992, p. 198). Os Trajetos não são caminhos “livres” e “aleatórios” como denotam as Errâncias. São rotas que se referem a decisões arbitrárias prévias, de certo modo determinadas pelas redes de relações pessoais do Pedaco.

Se aferida à metáfora do simples ato de andar pela cidade denotada pelas Errâncias, a noção de Trajeto, que exprime a idéia de escolha lógica, pensada e previamente definida (MAGNANI, 1992, p. 200) ajuda a identificar os roteiros nos quais se vivem sociabilidades estudantis fora dos espaços escolares. Ou seja, andar pelas vias do bairro entre os estudantes é, ao mesmo tempo, escolha pensada e flanância aleatória; é combinação arbitrária e deambulação lúdica, sentidos presentes de modo simultâneo em uma sociabilidade estudantil como ato de valorização da escola.

Errâncias-Trajetos pretende verificar como, entre estes estudantes, sistemas de classificação ajudam a sistematizar categorias hierárquicas e inter-relacionadas que são utilizadas para sistematizar o mundo social destes grupos (VELHO, 1975, p. 65), especificamente as práticas de circulação que são feitas nas ruas do Guamá, mas que são feitas por causa do ir e vir da escola, do viver a escola como espaço referencial de si e dos outros e que recuperam espaços de certo modo gentrificados. Com *Errâncias-Trajetos* quero exprimir os dois sentidos simultâneos que esta expressão denota para pensar os caminhos entre casa e escola realizados por **grupos de estudantes**¹⁰ do “Madre” e do “Zaca”, escolas que são vividas como pontos de encontro de quem é estudante do Guamá, de quem é “sacado”, “enxergado” como *morador* do bairro.

A partir desta referencialidade, escolhe-se também com base na idéia de quem é do “meu setor” ou de “lá da minha rua” os estudantes que podem ser da “nossa patota”, aqueles que podem “andar com a gente”, que podem ser da “nossa galera”. Ou seja, os grupos de estudantes desenvolvem critérios de seleção de colegas para realizar os roteiros das Errâncias-Trajetos. Ao mesmo tempo, formam-se também com base nestes vínculos os grupos de estudos, que juntos realizam atividades e tarefas escolares, estudos em grupo e preparação para as provas avaliativas. Se para definir quem é de certo “patota” a pertença ao “setor” se torna um critério central para alguns grupos de estudos, para outros é apenas um dentre outros critérios. De todo modo, o que se parece

¹⁰ Na época da pesquisa, acompanhei três (3) grupos de estudantes no “Madre” e cinco (5) no “Zaca”. Observei também a circulação de estudantes de modo individual, sobretudo no “Madre”, cujas ações foram resumidas no tipo de Errâncias-Trajetos que, mais adiante, identifiquei como “vilegiaturas”. Vale esclarecer que nem pelo menos dois grupos de estudantes, ambos do “Zaca”, não fazem grupos de estudos. Ou seja, nem todos os *grupos de estudantes* organizam *grupos de estudos*.



exigir é uma combinação fortuita e arbitrária, mas marcado pela posse de certos bens materiais para incluir o estudante na sociabilidade dos grupos de estudantes, que, ao mesmo tempo, realizam Errâncias-Trajetos.

Esta sociabilidade, que pode ser sintetizada aqui, quase que emblematicamente, pela síntese da noção de sociedade de Georg Simmel (1983) por meio de um “estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais e individuais” (p. 168), fornece-me elementos para pensar tais relações entre os estudantes das escolas com e nos lugares do bairro. O consenso persistente de interação, sob uma forma lúdica de sociação (Ibidem, p. 169) faz com que a escola, para estes estudantes, se transforme em parte do “*meu setor*”. É por conta disto que ela se torna a “*minha escola*”, o lugar “*onde eu estudo*”. Em face disto, para que a sociabilidade seja vivida como uma maneira de interação na qual os participantes se mostrem simultaneamente interessados e descomprometidos, a atuação pessoal contraria a tese de que os sujeitos evitam demonstrar interesse objetivo nos assuntos tratados, construindo jogos de sociabilidade (p. 167-168) que avaliam os envolvidos em redes de status e prestígio social.

Por conta disso, os nominativos “*avil*”, “*parceiro*”, “*mana*”, “*companheira*” e “*mala*” são usados para determinar quem é do grupo, comunicando quem vai andar com quem, quem vai ser membro preferencial, para participar do “grupo de estudos” ou apenas das Errâncias-Trajetos. Quem for designado por tais expressões está no grupo; quem não for, está fora. É por meio do estar com o outro que estes estudantes transformam o “*Zaca*” e “*Madre*” em “*meu setor*”, “*minha escola*”, transformando-as em referencialidade identificatória para se realizar as Errâncias-Trajetos.

Porém, antes de poder explorar as Errâncias-Trajetos, penso ser necessário explicitar dois outros elementos desta dinâmica, isto é, (a) quem participa das Errâncias-Trajetos, e simultaneamente, (b) o que define a participação nos grupos de estudos em cada escola. Estipulo no quadro abaixo alguns “critérios” que registrei junto aos estudantes, que parecem ser ponto de partida da formação dos grupos de estudantes “errantes”. Depois, descrevo os tipos de Errâncias-Trajetos que identifiquei na pesquisa.

Quadro A: “critérios” em ordem de relevância para a formação dos grupos.

1. “Estudar no bairro”	2. “Estudar na mesma escola”.
3. “Ser colega de sala de aula”.	4. “Morar na mesma rua”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

5. “Morar em vias próximas”.	6. “Morar em rua boa”.
7. “Morar em casa de alvenaria”.	8. “Realizar o mesmo caminho para a escola”.
9. “Possuir quarto e bens de consumo duráveis (computador, TV, vídeo-game, etc.) próprios”.	10. “Fazer cursos pré-vestibulares extra-escolares ou cursos de línguas”.

De modo geral, todos estes “critérios” podem ser resumidos pela categoria “*morar bem*”. Esta categoria se polariza a outra categoria: o “*morar ruim*”, oposição presente nas relações entre os estudantes. Assim, quem reside nas *ruas centrais* e em *casas de alvenaria* ou *de tijolo* possui status e prestígio entre os estudantes: “*mora bem*”; quem não está nas ruas centrais e adjacentes “*mora ruim*”, pois pisa em ruas de terra batida, esburacadas e sem saneamento básico. De modo geral, estes dois registros se referem a interações entre os estudantes que se remetem a distinções sociais concebidas hierarquicamente. “*Morar bem*” x “*morar ruim*” são nominativos que podem ser vistos como codinomes nativos distintivos para classe social. Por isso, o estudante que “*mora bem*”, embora também suscetível à violência do bairro, sem necessariamente ter renda familiar característica das camadas médias locais, articula os nominativos para simbolizar um *viver bem* e, assim, diferenciar-se.

Por enquanto, quero chamar a atenção para a dinâmica de formação grupal entre os estudantes que, se por um lado evidencia o valor do ato de estudar na vida fora da escola, expõem por outro lado divisões, assimetrias e hierarquizações construídas na vida urbana. Falo aqui do “*morar bem*”. Isto é, entre os estudantes que vi de perto, morar em uma casa de madeira com um, dois ou três “*compartimentos*” é adquirir junto aos seus colegas – mesmo entre os que residem na mesma rua e freqüentam a mesma escola – um tipo de prestígio e reconhecimento positivo que não é o mesmo de outro colega que reside em uma residência que seja de alvenaria, “*azulejada*”, com um pátio gradeado e com mais de três dormitórios: à este último cabe um *prestígio* maior.

O que quero dizer é que a categoria identificatória “*morar bem*” se torna uma síntese que agrupa todos os critérios positivos – ou negativos – de um estudante bem cotado entre seus colegas na formação dos grupos. Ou seja, os membros dos grupos de estudos parecem ter uma tendência em escolher o estudante que “*mora bem*” para recebê-los em sua “*boa casa*”, quando realizam ou não as Errâncias-Trajetos. “*Morar bem*”, deste modo, é deter a maioria dos critérios assinalados no quadro acima, sobretudo aqueles que se referem ao que está estritamente fora da escola, obtendo aceitação no grupo de estudantes, sobretudo entre os grupos de estudantes do “*Madre*”.



1.2. Errâncias-Trajetos I: Vilegiaturas.

O termo *Vilegiatura* – e *Andança* –, emprestado do trabalho sobre “circulação de crianças” elaborado por MOTTA-MAUÉS; IGREJA; DANTAS (2008) e MOTTA-MAUÉS (2009) foram usados para designar fluxos e caminhos hierarquizados das crianças por residências de membros da rede de parentesco das crianças, escolas e atividades educacionais de apoio pedagógico e de lazer (estes últimos, principalmente, para as crianças de camadas altas e médias). Os termos explicitam a ação que os professores e colegas de natação, balé, música, etc. exercem no sentido de dividir a socialização extra-familiar destas crianças, posto que estes professores e colegas estão mais presentes no dia-a-dia das crianças do que seus próprios familiares, pais e mães.

Essa prática parece ser similar ao que estudantes adolescentes do “*Madre*” realizam no Guamá ou em outros bairros adjacentes, como aqueles que participam de treinamento de futebol de salão ou voleibol em uma quadra poliesportiva localizada na rua Barão de Mamoré; outros, os que podem pagar a mensalidade de treinamentos, praticam artes marciais como Karatê, Judô ou Capoeira na própria escola.

Tanto a moças como os rapazes fazem cursos de reforço curricular voltados para provas de vestibulares, como Física, Química e Matemática, além das próprias disciplinas da escola; outros fazem cursos pré-vestibulares completos que estão localizados fora do Guamá, mas próximos a ele, isto é, em bairros como São Braz, Cremação, Batista Campos e Canudos, próximos ao Guamá. Tipificando melhor, há dois tipos de *vilegiaturas*, sobretudo entre os estudantes do “*Madre*” do matutino, majoritariamente autoclassificados como brancos.

a) Vilegiatura escolar interna: estudantes do turno da manhã entram na escola até 7hs e 30min. Saem dela por volta das 14hs. Voltam para a casa, para o almoço e depois retornam para a escola para cursos de Karatê, Judô, Música, futebol de salão ou reforço escolar. Retornam para a casa por volta das 19h. Geralmente, são duas ou no máximo três atividades extraclasses realizadas pelos estudantes. Os da tarde fazem essas atividades extraclasses durante o período letivo de aula dos estudantes da manhã. O horário letivo da tarde inicia-se às 13h e 30min e termina às 19hs. Pode-se dizer que há um tipo de *circulação intra-escolar* dentro do “*Madre*”.



b) Vilegiatura escolar externa: após o término do horário de aula, estudantes do terceiro ano, sobretudo do turno da manhã – não obtiveram informações acerca de estudantes do turno da tarde que fazem essa Vilegiatura – voltam para casa e depois saem do Guamá para cursos pré-vestibulares ou atividades de reforço pedagógico de matemática, cursos específicos de Física, Química e Biologia, aulas de dança, de música, de línguas ou natação. Esse percurso, em média, termina por volta das 20hs.

Todavia, existem poucos estudantes do “Zaca” que realizam as Vilegiaturas se comparados ao número de estudantes do “Madre” que também têm o dia composto por atividades educacionais e de lazer. Também têm o dia “agendado”, de segunda a sábado, pois as atividades realizadas acontecem mais de cinco vezes por semana, ou seja, os cursos pré-vestibulares. Esse agendamento do dia dos estudantes acaba realizando um serviço de auxiliar-reforço da escolarização dos filhos, dividindo com os pais a “responsabilização” pela socialização e educação dos mesmos, prática similar ao que assinalam as autoras no trabalho supracitado.

1.3. Errâncias-Trajetos II: as Andanças.

1º Tipo: esta andança passa pela orla fluvial do Campus da Universidade Federal do Pará, no Guamá. Grupos de estudantes, cuja composição varia de cinco (5) a sete (7) integrantes, quando saem da escola fazem o que eles chamam de “coletão”, isto é, depois da soma das parcas quantias de dinheiro que alguns possuem (raramente *todos* dispõem de dinheiro) saem pelos supermercados, farmácias conveniadas (que vendem produtos alimentícios) ou lanchonetes para comprar produtos de consumo rápido como pães, biscoitos, chocolates, refrigerante ou bebida alcoólica.

Nos supermercados e nas farmácias conveniadas passam parte do tempo olhando algumas mercadorias, como celulares e bijuterias e experimentando outras, como cosméticos e perfumes. Depois, se deslocam para a orla do rio do campus para por lá ficar, conversar, copiar o conteúdo da matéria cuja aula não foi assistida, ler algum texto que precisa ser estudado para a aula do dia seguinte, paquerar, namorar, brincar, beber, comer. Todavia, a permanência nesta orla é sempre observada pelos guardas do Campus. Vale ressaltar que a presença de moradores dos bairros que cercam o Campus da UFPA – por exemplo, os do Riacho Doce – tem acesso restrito a ele, pois há um grande controle de entrada de *pessoas estranhas* à comunidade acadêmica. Neste tipo, a



presença das moças é geralmente superior à presença dos rapazes nos grupos de estudantes do “*Madre*” e do “*Zaca*”.

2º Tipo: esta andança também é precedida pelo “*coletão*”, passa pelos pontos de comércio do bairro, que podem ser Tabernas¹¹ ou mesmo os Supermercados e Farmácias conveniadas¹², e termina na casa de algum dos estudantes do grupo com o “*brocão*”, isto é, nesse segundo tipo de andança há a compra de produtos que serão preparados, cozidos, fritos na casa de algum dos estudantes, como enlatados, comidas instantâneas e/ou os produtos de consumo rápido que são comprados pelos que fazem o primeiro tipo de andança, com exceção das bebidas alcoólicas. Quando cozinhar é necessário, as mulheres dos grupos é que assumem a feitura das comidas.

Enquanto isso, na TV da sala que geralmente exhibe vídeos-clipes de Reggae, Hip-Hop e de festas de Tecnobrega que todos escutam, outros rapazes e moças conversam sobre os assuntos curriculares, fofocam sobre professores e outros colegas, sobre quem ficou com quem, quem fez sexo com quem¹³ e sobre quais serão os assuntos disciplinares que “*cairão*” nas provas. Nesta andança, que é feita geralmente entre membros dos grupos de estudantes da mesma sala e série, pode ocorrer, depois da comensalidade e da diversão, a realização e confecção dos trabalhos para apresentação grupal em seminários, sobretudo das disciplinas História, Biologia, Artes e Geografia, bem como estudam, em períodos de avaliação, os assuntos e temas das provas. Enquanto metade do grupo produz ilustrações em cartolinas do conteúdo do texto, a outra metade faz o texto para a leitura e exposição em sala de aula.

3º Tipo: esta andança é geralmente realizada às proximidades da escola, em lan-houses, salas de jogos eletrônicos, e, sobretudo, na seção de eletroeletrônicos de duas lojas de departamento situadas na av. José Bonifácio. Nestas duas lojas, computadores e notebooks conectados à internet ficam disponíveis aos clientes. Notei que a presença dos estudantes do “*Zaca*” e do “*Madre*” compete com a presença de estudantes de

¹¹“*Tabernas*” são micro-comércios que vendem os mesmos produtos comercializados pelos Supermercados, mas em pequena escala e sem a variedade de opções que o segundo apresenta.

¹²As duas redes de farmácias conveniadas têm grande abrangência na região metropolitana de Belém. Oferecem bons salários para o padrão de mercado de trabalho da cidade, cujas ofertas de empregos são procuradas por muitos egressos do ensino médio das escolas públicas do Guamá. Observei que grupos de estudantes, sobretudo nas quintas e sextas feiras, fazem compras de vários tipos de guloseimas industrializadas e retornam a pontos próximos das escolas para consumir os produtos em grupo, *consumindo* o dia, antes de voltar pra casa.

¹³ Expressões como “*comer*”, “*dar um picote*”, “*sair da pedra*”, “*ficar*”, “*dar*”, “*pegar*” e “*comer*” são usadas pelos rapazes como pelas moças para se referir ao intercurso sexual.



outras escolas do Guamá. Os sites mais visitados pelos estudantes são redes sociais da internet como Orkut, Facebook, MSN, etc. Além de navegar por estas comunidades virtuais, por meio destas redes se agendam os encontros dos grupos de estudos.

Mas o que chama a atenção é presença constante de estudantes neste espaço particular, usando diariamente os aparelhos computadores da loja. Nesta andança ocorrem também visitas à casa de algum membro do grupo, para tomar água, conversar e conhecer o setor do colega. Ver e ser visto para ser reconhecido, deambular para ver onde mora o colega, como mora – no limite, para saber se a casa do colega é ou não é “*sujeira*”, é ou não é “*me roba*” e, de certo modo, verificar se o colega “*mora bem*” é uma das intenções deste tipo de andança. Lembro de uma conversa entre estudantes do turno matutino do “*Zaca*”, no período do intervalo de aulas, na qual dois deles pediam a outro colega para “*conhecer*” a irmã deste.

4º tipo: esta andança é um tipo de *visitação*, diz respeito ao sair da escola e ir para outra escola, no mesmo bairro. Sair da escola e visitar colegas de outras escolas do Guamá, que são colegas de rua, do “*setor*”, “*lá da rua*”, “*perto de casa*” ou colegas que estudaram juntos em uma das escolas em séries anteriores a qual se está no momento, para depois visitar outros colegas de uma terceira escola, cujo contato prévio dessa *visitação* já foi agendado pelo Orkut ou MSN, por email ou mensagem de celular. Os homens quando visitam outros homens, fazem sempre em grupo: “*pega mal sair daqui pra ver outro macho*”, como me falou um estudante. Alguns estudantes do “*Zaca*” me disseram que quando saem do “*Zaca*” para outra escola, o objetivo era ver outra menina, encontro muitas vezes agendado pelas redes sociais; pareci que além de “*pegar a moleca na escola*”, o mais importante é divulgar isso, sobretudo quando a estudante era do “*Madre*” – parece que há um prestígio em namorar estudantes do “*Madre*”, tanto entre as meninas como entre os meninos do “*Zaca*”.

Depois de se agruparem, juntos, andam até chegarem à casa de cada um, costurando uma andança que vai se desenlaçando na medida em que cada um ou uma chega a sua casa. Esse tipo de andança somente é possível porque os membros desse grupo formado moram em vias próximas ou na mesma via. Quando moram na mesma via, o papo somente termina por volta das 13h10min horas para o turno da manhã e 19h40min horas para o turno da tarde – ora, a última aula, do período letivo de horários disciplinares para cada turno respectivamente, termina nesses horários. Ai é hora de



voltar pra casa, pois pode “rolar a escrotição”¹⁴, pode “rolar o espancamento”. Vale acrescentar que poucas aulas se estendem até o último.

1.4. Errâncias-Trajetos III: os Périplos.

No caso dos *périplos*, quando Alex Haley (1976) escreve sobre o ritual de apresentação feito pelos membros do amplo parentesco de Kunta Kinte, fala também de *périplos* que este personagem e seus pais realizam para visitar os parentes que vivem na “aldeia ao lado, atrás daquela que se vê do olho de nossa terra” (p. 98), da terra Juffure, mas que não pode ser acessada diretamente, pois as terras vistas separam-na dos campos patrilaterais, pelos quais não se andam. Estes campos estão fora do sangue Juffure (p. 99). Isto é, evita-se um caminho e escolhe-se outro quando se sai da terra matrilateral Juffure. Passa-se por terras amigas, evitam-se as terras desconhecidas.

Essa expressão *périplo* designa o caminho de contorno que os parentes de Kunta fazem para se chegar à aldeia patrilateral. Na história contada por Haley, Kunta e seus parentes não podem caminhar pelos territórios de aldeias próximas que encurtam o caminho para a aldeia matrilateral, pois estão fora do sangue de seu povo. Por isso o caminho para se chegar a terra virilocal se estende, porque não possuem autorização ritual, não conhecem os donos destas terras e, sem autorização ritual, podem ser atacados caso cruzem tais territórios. Há perigo em se pisar em tais terras sem autorização. Daí o longo contorno realizado, “durante todo um alvorecer” (p. 102), para obter a benção do avô patrilateral para Kunta.

Há uma similitude – uma metáfora literária, como denota as Errâncias – entre a oposição *evitação x privilegiamento* dos caminhos escolhidos pelos estudantes para se chegar à escola e voltar dela para suas residências com a *evitação x privilegiamento* que permeia as rotas da família de Kunta. Ou seja, por um lado, percebi que “o evitar” algumas ruas, travessas ou becos para se chegar à escola e voltar dela e, de outro, “o privilegiar” outras vias também se associam (nesse caso, se evitam) ao medo, ao perigo, à evitação da violência no bairro, mas também viabiliza (privilegia) a construção de

¹⁴ “Escrotição” é uma agressão verbal truculenta recebida, sobretudo, da mãe, em decorrência de indisciplina, seguida muitas vezes por castigos físicos por conta de atrasos sucessivos não-explicados aos pais quando retornam da escola. Geralmente, a escrotição para os estudantes os expõe diante da vizinhança e dos colegas que os visitam, isto é, os gritos da mãe são motivos de *vergonha*.



sociabilidades, vividas como um jogo de interação social¹⁵. Mesmo assim, a metáfora, *Périplo* situa essas escolhas de caminhos muito mais no plano do deliberado, deixando o incidental, o contingente e aleatório para a prática das *Andanças*, que todos fazem, tanto os estudantes que pagam mensalidade (do “*Madre*”) como os que não pagam (do “*Zaca*”). O critério principal em escolher certa via é a violência que supostamente *existe* nela (assaltos, pontos de vendas de drogas, extorsões, intimidações, etc). A existência ou não da pavimentação ou asfaltamento desta mesma via pela qual se faz o itinerário é um fator adotado, mas em associação com o primeiro critério.

Estas características são influências principais para se costurar outros caminhos, compondo périplos dos estudantes que encaixam outros lugares, que ajustam outros pontos de referência que não são a *sua própria escola, rua ou casa*, mas podem ser *outras escolas, ruas, outros lugares ou outras casas*. Usarei para isso informações colhidas por meio de um questionário aplicado nas escolas, com as seguintes perguntas: 1) “*Quais são as ruas e/ou avenidas pelas quais você caminha para chegar à sua escola?*” 2) “*Quando você retorna à sua casa, você caminha pelas mesmas ruas?*” 3) “*Porque você escolhe tal caminho, qual são os motivos e razões?*”. As respostas foram agrupadas como *fatores* e estão simbolizadas por trechos de depoimentos escritos pelos estudantes nos questionários da pesquisa. Destaco os seguintes *fatores*:

A). “*Tem muito ‘malaco’ lá sabe, só tem ladrão*”. A questão da violência no bairro, sobretudo os assaltos à mão armada contra moradores nas vias públicas do Guamá foi apontada por 41% dos respondentes como o principal fator e razão de escolha dos caminhos dos estudantes do “*Zaca*” e do “*Madre*” que responderam o questionário. “*Malaco*” – gíria de ladrão – é dificilmente associado a “não-branco”. Embora se diga entre os estudantes que “*ladrão não tem cara*”, o “*malaco*” é muitas vezes definido como um “*moleque*” que “*anda de bicicleta*”, que usa “*boné*” e que é “*escurinho*”, “*morenã*”. Deste modo, a “*rua de malaco*” é evitada para as *andanças*, do mesmo como que se evita escolhê-la, caso algum colega nela resida, para fazer os trabalhos em grupo e muitas atividades das *Andanças*, o que implica em avaliar a qualidade das ruas pelas quais se evita trafegar por meio de uma sutil e implícita

¹⁵ Para Simmel, são as forças reais, as necessidades e impulsos concretos da vida social que produzem formas de comportamento ajustadas ao jogo. Enquanto processo autônomo, os envolvidos buscam retirar do jogo sua gravidade. “É isto que dá ao jogo tanto a sua jocosidade quanto seu sentido simbólico, através do qual se diferencia da mera brincadeira” (1983, p. 167-168).



estetização social das pessoas que moram nelas. Salienta-se que o “*morar bem*” denotou por vezes um “embranquecimento”, no sentido de uma *morenização*, em um gradiente de cor que dependeu do sujeito que classificava (MAGGIE, 1994, p. 150), pois o prestígio obtido com o *viver bem* pareceu estar presente na dinâmica de classificação de cor entre os estudantes. Isto é, quem “*mora bem*”, na “*parte boa*” do Guamá tende a ser heteroclassificado e autoclassificado¹⁶ como “*moreno claro*”, “*moreno*” e “*branco*”.

B). “É uma rua escrota, só vala, só cratera e me roba”¹⁷. 22% dos estudantes respondentes apontaram a má estrutura de pavimentação e asfaltamento das vias como razão principal de opção pelas vias *trajetadas* pelas (os) estudantes de ambas as escolas. Porém, como sugeri antes, a combinação de “*rua escrota*”, rua do “*me roba*” onde tem “*cratera*” e “*rua de malaco*” suspendam a rua (e as pessoas que nela residem) de muitos roteiros de andanças e périplos, de modo que a imagem depreciativa que se tem de determinados vias e “*setores*” do bairro se reforça nesta intersecção com o “*escurinho*” e o “*morenã*”. Isto é, quem mora na “*parte ruim*”, “*escrota*”, de “*malaco*”, do “*me roba*” tende a ser classificado como “*moreno escuro*”, “*morenã*” ou “*escurinho*”. Esta “*parte ruim*” é evitada de muitos roteiros de Andanças.

C). “Porque eu conheço essas ruas aí”: *ver e ser visto*, ser conhecido no “setor”, enxergar alguns moradores das vias escolhidas, além de ser enxergado e ser visto nelas, foi a razão apontada por 16% dos respondentes de ambas as escolas. Os grupos de estudo são importantes para construir esta rede do ver e ser visto, assim como por meio das andanças que são realizadas pelas casas de colegas, prática pela qual

D). “É asfaltada ela, dá pra andar nela bacana”: em oposição ao segundo fator apontado pelos estudantes, as vias asfaltadas e pavimentadas são apontadas por 12% dos estudantes como uma razão com base na qual se escolhe tramitar por elas.

¹⁶Autoclassificação se refere a um modo individual de se definir conforme a cor. Heteroclassificação corresponde ao movimento de classificação realizado por uma pessoa ou grupo sobre outra pessoa ou grupos. Ambos denotam um esforço classificatório racial aproximado dos grupos sociais, diferenciados segundo contextos regionais, compondo modos relacionais de se perceber socialmente em correlação com outros marcadores identitários como classe, gênero, origem, etc. (PINTO, 1998, p. 6-23). No contexto estudado, “*moreno*” e “*moreno claro*” são termos semanticamente próximos a “Branco”. “*Moreno escuro*” e “*morenã*” são contíguos a “Preto”. Estes termos são concebidos dentro de uma lógica de mestiçagem e ambigüidade, mas se polarizam e se hierarquizam entre estudantes conforme a moradia.

¹⁷“*Cratera*” é uma gíria para os buracos de esgotos abertos no meio de ruas do Guamá. “*Me roba*” é força de expressão local que classifica ruas, *becos* e passagens como locais “perigosos”. Assaltos, intimidações e extorsões a pessoas que não residem nestas vias, vendas de drogas e até invasões em residências de seus moradores são ocorrências ditas como comuns nos lugares do “*me roba*” pelos estudantes.



E). “*É mais rápido pra chegar na escola se eu vir por lá*”: somente 9% dos estudantes respondentes apontaram o fator *rapidez* como razão com base na qual se opta em escolher os caminhos transitados.

Os périplos acima delineados podem ser associados às evitações do perigo da violência que existe no bairro. De modo geral, é evitação do medo e evitação das ruas não-asfaltadas, “*escrotas*”, “*ruis*” – e, de certo modo, das “*peessoas ruins*” moradoras das ruas classificadas de modo inferiorizado como ruas do “*me roba*”. Por fim, pode se concluir o seguinte. As *Vilegiaturas* designam Errâncias-Trajetos em espaços educacionais de apoio pedagógico extra-escolar e de lazer, nos quais os professores e colegas dessas atividades extra-escolares são atores de socialização extra-familiar. Observei as *vilegiaturas* entre os estudantes do “*Madre*”, sobretudo os da manhã, autotclassificados majoritariamente como “*brancos*”, “*morenos*”, “*morenos claros*” e “*pardos*”. Os *Périplos* designam o movimento de *evitação x privilegiamento* dos caminhos escolhidos pelos estudantes para se chegar às escolas e delas retornar para casa. Essa *evitação x privilegiamento* é determinada, em primeiro lugar, pelo “fator” violência, seguido do asfaltamento das vias e pela distância do caminho percorrido entre casa e escola. Todos os estudantes fazem *Périplos*. As *Andanças* são um tipo de movimentação que arregimenta os grupos de estudantes de uma mesma escola para realizar um processo de recuperação de espaços gentrificados por meio de atividades de lazer e de escolarização; observei essa prática entre estudantes das duas escolas, mas principalmente entre os do “*Zaca*”, majoritariamente autotclassificados como *pardos, pretos, morenos e morenos escuros*. As três práticas, às vezes, se confundem, sem distinção e classificação categóricas, como estas que realizei neste artigo.

Bibliografia Consultada:

HALEY, Alex. **Raízes: volume I**. Edições livros do Brasil – Lisboa. 1976.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes, breve histórico das Errâncias Urbanas**. São Paulo. In: Revista Arquitectos, nº 53, Portal Vitruvius, outubro 2004.

MAGGIE, Yvone. **Cor, Hierarquia e Sistema de Classificação: a diferença fora do lugar**. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, pp. 149-160.

MAGNANI, José G. Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Editora UNESP. 2ª Edição. 1998



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. **Da Periferia ao centro: pedaços & trajetos.** In: Revista de Antropologia, v. 35, p. 191-203. USP. São Paulo, 1992.

_____. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais: Sociologia. vol. 17 n° 49, São Paulo: Junho. 2002.

_____. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.** [online]. In: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. 2009. Disponível no URL: <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Capturado em 17/12/2010.

MENDES, Luis. **O Contributo de Neil Smith para uma Geografia crítica da Gentrificação.** In: Revista E-metropolis, Lisboa, n° 1, Maio, 2010.

MOTTA-MAUÉS, Maria A.; IGREJA, Daniele; DANTAS, Luisa. **De casa em casa, de rua em rua... Na cidade: Circulação de crianças.** In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro-BA. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2008, vol. 1, p. 1-19.

MOTTA-MAUÉS, Maria A. **Uma vez "Cria" sempre "Cria" (?): adoção, gênero e geração na Amazônia.** In: LEITÃO, Wilma Marques; MAUÉS, R. Heraldo. (Orgs.). *Nortes Antropológicos: trajetos, trajetórias.* 1ª ed. Belém: EDUFPA, 2009, p. 157-170.

PINTO, Regina P. Os Problemas Subjacentes ao Processo de Classificação da Cor da População no Brasil In: ROSEMBERG, Fúlvia; PINTO, Regina P; OLIVEIRA, Eliana de; PIZA, Edith (Orgs.). **A Classificação da Cor no Brasil.** Anais da XXI ANPOCS, 1998.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: **Georg Simmel, Sociologia.** Evaristo de Moraes Filho (org.) São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social.** Rio de Janeiro, Zahar, 2ª Edição, 1975.